

## 5

### Os “porta-vozes” do CEN e suas práticas: a atuação profissional e as redes de relação de Armando Hildebrand e Myrthes Wenzell

Positions held in this structure are what motivate strategies aiming to transform it or to preserve it by modifying or maintain the relative forces of the different powers, that is, in other words, the systems of equivalence established between the different kinds of capital (BOURDIEU, 2001, p. 128).

Ainda que possa soar como uma espécie de *petitio principii*, a epígrafe escolhida dá a idéia precisa dos objetivos deste capítulo, pois entendo que as relações de poder entre o CEN e o MEC, bem como entre os representantes de tais instituições não podem ser vistos de maneira estanque, e nesse sentido, os conceitos de *Habitus* e *Campo* trazem importantes subsídios a esta tarefa, justamente por trazerem a este estudo a dialética das relações de poder entre agente e estruturas sociais. Igualmente, entendo que sem mapear a atuação dos principais atores institucionais da escola que é o elemento central do presente estudo, os elementos da memória do CEN captados até então seriam muito incipientes para que fosse possível conhecer de maneira detalhada as relações entre esta instituição, as políticas do MEC e o desenvolvimento do ensino privado no Estado do Rio de Janeiro. Algumas pistas surgem, no entanto, após o seu exame, e tais pistas apontam para o papel de destaque de duas figuras de grande importância para a instituição educacional que compõe o cerne deste estudo. Uma destas pistas estaria ligada à FUBRAE, uma fundação de direito privado criada em 1954 por Armando Hildebrand que à época era o Diretor da Divisão de Ensino Secundário do MEC. Esta fundação, criada por Hildebrand que manteve (e ainda mantém) uma escola experimental (o CEN). Apesar de não ter sido aprofundado o exame do papel de Hildebrand como articulador das relações entre MEC e CEN, entendemos que o fato do criador da FUBRAE ser igualmente o Diretor da Divisão de Ensino Secundário do MEC à época da criação desta fundação se constitui em importante elemento de análise para que possam ser estudadas as relações entre o MEC e o desenvolvimento do ensino privado no Rio de Janeiro no período 1954-1970.

Outra das referidas pistas diz respeito ao papel de Myrthes Wenzel, que além de Diretora do CEN, foi Secretária de Educação durante o Governo Faria Lima nos anos de 1975-1979 e membro integrante do Laboratório de Currículos da Secretaria Estadual de Educação do então recém-criado (pela fusão com o antigo Estado da Guanabara) Estado do Rio de Janeiro (LOBO, 2005). Deste modo, pode-se dizer que compreender detalhes da atuação destes personagens durante a trajetória do CEN torna-se tarefa válida devido à possibilidade de tal análise fornecer elementos substanciais para a investigação do tema que é objeto desta pesquisa.

O presente capítulo propõe-se justamente a reunir todos os indícios da atuação destas figuras à frente das instituições em que estiveram no período supracitado, pois, conforme indicado anteriormente, ao procurarmos entender elementos componentes da trajetória (que engloba, conforme vimos, as práticas e representações) dos atores institucionais, poderemos chegar a um maior conhecimento acerca das instituições que condicionaram suas ações e visões de mundo, assim como poderemos ter maiores referências a respeito do modo como estes atores influenciaram mediante sua ação, o campo em que se situavam no período histórico enfocado.

## 5.1

### **Armando Hildebrand: o elo da corrente entre o CEN e o MEC**

Conforme anteriormente foi dito, Armando Hildebrand foi para o CEN uma figura extremamente importante. Tornou-se conhecido por vários motivos, como por exemplo: haver sido o chefe da Diretoria do Ensino Secundário e um dos Diretores da CAPES. Sua atuação à frente da CADES<sup>41</sup> indica que suas ambições para o futuro do ensino secundário no Brasil não eram poucas e nem pequenas. No texto que dá origem à CADES, podemos perceber em diversos momentos a influência de um tipo de pensamento pragmático e modernizador. O fato de haver criado logo a seguir a Fundação Brasileira de Ensino Secundário<sup>42</sup>, e mais adiante, uma escola ligada a esta Fundação, nos deixa entrever um pouco da natureza de suas aspirações no tocante a futuras realizações na área educacional.

---

<sup>41</sup> Ver decreto de criação da CADES, em anexo.

<sup>42</sup> Que mais tarde, viria a se tornar a atual FUBRAE.

Sobre Hildebrand, é necessário recordar igualmente sua atuação em Brasília, quando foi gestado o Plano de Construções Escolares de Brasília (CASEB), o qual segundo Eva Waisros (2002), se tratava de uma tentativa de criar uma rede de escolas-modelo que pudesse vir a influenciar o padrão de todas as demais escolas brasileiras no ano de 1960, sobretudo no que se tratava da formação de professores e da aplicação prática nos jardins de infância dos conhecimentos aprendidos nas escolas-normais pelas professoras-regentes, idéia esta que já era cara a vários educadores progressistas como Anísio Teixeira (desde os anos de 1930, aliás). A ação de Hildebrand junto à CASEB dá mais uma vez a idéia de que este é um personagem de ação, ação esta pautada sobretudo na aplicação do conhecimento técnico, modificado com a “têmpera” da experiência, viés do pensamento pragmático (DEWEY, 1926) e característica que tornou-se motivo de destaque nos anos de 1950-1960 em alguns poucos homens que levaram adiante grandes realizações como Anísio Teixeira e sua equipe à frente do INEP nos anos de 1950-1960. Isto se confirma com este depoimento de Hildebrand a respeito da CASEB, registrado por Gustavo Dourado:

Talvez o espírito de Brasília de inovação, o próprio plano de educação da cidade elaborado pelo Professor Anísio Teixeira, tudo indicava que deveria ser um ensino dinâmico, um ensino realista, um ensino diversificado, com a valorização da parte artística, da parte do trabalho<sup>43</sup>.

Ao observar esta citação é possível observar a consonância no que se refere à vertente modernizadora do pensamento do Prof. Armando Hildebrand, com o pensamento pragmatista que orientava as ações do INEP nos anos de 1950-1960 e que tinha em Anísio Teixeira um de seus principais representantes e corporificadores (MENDONÇA et alli, 2005).

Longe, porém, de elaborar um texto laudatório, é extremamente importante entender que as características de Hildebrand quanto ao modo de pensar, e, a posição em que se encontrava na administração pública podem explicar (ao menos em parte) o prestígio que o CEN gozava na esfera educacional (e política) local. Conforme é possível constatar, uma nota no Jornal do Senado nos dá a dimensão do prestígio de que desfrutava Hildebrand a esta época:

---

<sup>43</sup> Extraído em 19 de fevereiro de 2009 do site da internet:  
<http://www.gustavodourado.com.br/43anosdeeducacaonodf.htm>

Está circulando como “consta”, a notícia de que o sr. Armando Hildebrand regressaria ao estado da Guanabara para superintender o ensino no Rio. É uma pena que isso aconteça, porque tem sido o sr. Hildebrand um dos grandes entusiastas do ensino em Brasília, e sua ausência fará falta, mesmo! (Jornal do Senado, publicado em 25/11/1960) .

Devido a seu prestígio e respeito nos anos de 1950-1960 na política educacional brasileira, podemos ser levados a crer que esta é uma das figuras que “deformam um campo” (BOURDIEU, 2001) devido à quantidade de capital que mobilizam (em nível simbólico, cultural e social) e assim podem em certa medida polarizar e dirigir os recursos e o poder existentes em um *campo* para a direção que desejam. Entendemos que muito disto ocorre quando pensamos em uma das características do CEN , qual seja, a de ser uma escola mantida por uma fundação de direito privado, e mesmo assim receber do MEC enormes subvenções, seja do ponto de vista da assistência técnica, seja do ponto de vista do aporte financeiro (como pode ser exemplificado pelo convênio celebrado entre o CEN e o MEC por 10 anos entre 1960 e 1970).

Durante o regime militar, no ano de 1964, temos Armando Hildebrand à frente da Diretoria do Ensino Industrial, vindo a coordenar o Programa Intensivo de Formação da Mão de Obra Industrial. No prefácio do fascículo “Pintor de Obras”, integrante da série de materiais didáticos denominada “O Instrutor”, vemos uma descrição deste programa escrita por Hildebrand no prefácio de tal fascículo:

Programa Intensivo de Preparação da Mão-de-Obra Industrial, inaugurado no País em 1964, tem em vista o ensino de técnicas industriais a operários qualificados, agentes de mestria, auxiliares técnicos, técnicos-industriais e à direção média das empresas fabris. Constitui um processo complementar da ação das escolas e visa a conjugar os procedimentos didáticos com a experiência do trabalho industrial, instalando os seus cursos, com a flexibilidade indispensável, onde se façam necessários. Representa, assim, a linha de promoção profissional do trabalhador e do aperfeiçoamento das suas atitudes de trabalho [...] Cuidou, pois, a direção do Programa de elaborar o imprescindível material de ensino para os diversos cursos. Reuniu especialistas provindos das mais diversas regiões do País, para o exame de todo o acervo de material didático produzido pelo SENAI, pela CBAI, Diretoria do Ensino Industrial, rêdes estaduais de ensino estadual e escolas particulares. (BRASIL, 1964).

Acerca deste documento, dois elementos merecem especial atenção. O primeiro deles diz respeito à influência política de Hildebrand ser mantida mesmo em um governo cuja orientação política era muito diferente do anterior (o que não veio a ocorrer, por exemplo, com Anísio Teixeira), o que se expressa no fato de ter estado à frente da Diretoria do Ensino Industrial a esta época. O segundo elemento se refere à idéia de que o trabalho seria um dos elementos articuladores entre o ensino escolar e a diretriz industrialista assumida pelo governo militar, e, anteriormente pelo governo de Juscelino Kubitschek. Conforme veremos adiante, esta idéia, cara a Armando Hildebrand já surgia desde a época da CADES, em 1953, e viria a aparecer mais adiante conforme consta de documento analisado adiante. Ao que tudo indica, este é o elemento de junção entre a atuação de Hildebrand e o pensamento pragmatista desenvolvido em período anterior pela diretoria do INEP.

Sobre a influência internacional de Armando Hildebrand na educação durante os anos de 1960-1970, é igualmente digna de menção a sua atuação na Organização dos Estados Americanos – OEA, como delegado representante do Departamento de Assuntos Educativos. Em documento da UNESCO datado de 29 de março de 1969 (UNESCO, 1969), é possível identificar a presença de Hildebrand em um grupo de trabalho que discutia a respeito do ensino técnico em nível internacional, com vistas a compor uma comissão multinacional para a implementação de programas educativos para tal modalidade de ensino. Com isto, percebe-se que do nível micro (com o CEN e a FUBRAE) ao nível macro (com o MEC e a OEA), Hildebrand atuava de maneira influente, e, é claro, devido a isto, detinha enorme poder político e não menor volume de capital social. É claro que uma explicação monolítica freqüentemente faz com que muito do que desejamos compreender escape à percepção, e assim, não é correto afirmar que a única causa do prestígio institucional do CEN se deva à atuação de Armando Hildebrand e à sua presença à frente da Diretoria do Ensino Secundário, da CAPES, da FUBRAE e da CASEB, mas igualmente incorreto seria desconsiderar este fator, pois se existe uma política, e se existe um poder que a anima e dela emana, este necessita da mediação de pessoas que o manejem, e Armando Hildebrand, pelo que é possível observar teria sido uma destas pessoas.

Além da atuação macro-política de Hildebrand, é necessário destacar o modo como ele lidava com a política interna e a administração do CEN. Sobre isto, logo de início é possível ponderar sobre a escolha de um dirigente capaz de

administrar de maneira competente e disciplinada o CEN. No momento da escolha de tal dirigente, entendemos que devido a este motivo (não descartando outros que no momento permanecem insondáveis ao modesto escrutínio realizado nesta pesquisa) foi escolhida a Prof<sup>a</sup> Myrthes Wenzell para tomar parte deste empreendimento e assumir a função de diretora do CEN. Conforme vimos anteriormente, a Prof<sup>a</sup> Myrthes Wenzell demonstrou notória capacidade de liderança durante todos os muitos anos que passou diante da escola, de modo que, a julgar pelo modo como manteve a escola sob seu comando durante períodos que foram muito turbulentos na política educacional (em que pese, a enorme tensão causada pelo golpe militar de 1964), é possível dizer que Hildebrand fez uma escolha acertada no que se refere à figura que viria a dirigir o CEN, a qual, de certo modo, refletia algumas de suas características quanto à capacidade de se fazer presente e atuar política e administrativamente em vários espaços do campo pedagógico. Mais adiante, será tratado em mais detalhes o tipo de atuação de Myrthes Wenzell, porém não é possível separar totalmente o seu modelo de liderança dos objetivos de Hildebrand com relação ao CEN.

Merece destaque também uma outra característica de Hildebrand no tocante a seu pensamento e orientação teórica. Tal característica diz respeito à sua posição acerca dos exames escolares. Em artigo publicado na *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, é possível acompanhar um debate entre a visão de Hildebrand e a de Lourenço Filho acerca de provas, testes e exames escolares (HILDEBRAND, LOURENÇO FILHO, 2000). Em tal artigo Hildebrand explicita a sua posição, que indica que os testes escolares não possuem importância tão grande quanto à que sempre lhes foi atribuída, e que muito mais do que refinar as medidas de precisão de tais testes, seria necessário uma atenção especial ao processo de ensino e à aprendizagem realizada pelo estudante ao longo de todo este processo. Conforme foi mencionado anteriormente, a maneira como o CEN avaliava seus alunos dava ênfase justamente a esta idéia, o que leva a crer mais uma vez que a escolha de Myrthes Wenzell (que também partilhava desta posição) para a direção da escola, e, portanto, para a condução dos rumos da mesma quanto à sua pedagogia indica mais uma das faces do plano de Hildebrand, ao garantir que a escola da FUBRAE tivesse à sua frente uma dirigente afinada com os seus objetivos pedagógicos e políticos. Isto posto, podemos observar que o pensamento estratégico de Armando Hildebrand se caracterizava por procurar, tanto na esfera micro quanto na esfera

macro, estender e consolidar o seu controle, agregando elementos que permitissem-lhe concretizar suas metas.

Deste modo, levando em conta as práticas deste importante personagem da história do CEN (e porque não dizer, da educação brasileira), é possível afirmar que suas estratégias em incluíam, sem dúvida alguma, duas ações:

- 1) ampliação de seu capital político (e social), com vistas à concretização de suas aspirações no que se refere à educação (tais como a junção entre ensino técnico e ensino médio), o que se efetivara mediante o estabelecimento de redes de relações relativas aos vários órgãos ligados à educação, em nível nacional e internacional.
- 2) utilização da FUBRAE como órgão de experimentação pedagógica e de desenvolvimento de metodologias experimentais de ensino, o que se daria simultaneamente atra'ves do CEN, do CETEB e da DEJAP.

Estas estratégias, como podemos ver, trouxeram no campo pedagógico brasileiro uma enorme centralidade de Armando Hildebrand, o que lhe permitiu, por exemplo, resistir ao governo militar de 1964 à frente da Diretoria do Ensino Industrial do MEC. Entendemos que desta forma as forças do campo acabaram confluindo favoravelmente para o CEN nos anos de 1960-1970, devido em grande parte à sua ligação com Hildebrand.

## 5.2

### **Myrthes Wenzell, sua influência no campo pedagógico fluminense e no CEN**

Conforme foi possível perceber anteriormente, Myrthes Wenzell gozava de enorme influência no que ocorria dentro da instituição por ela dirigida. Além disto, merece destaque sua ligação com a Secretaria Estadual de Educação, bem como as suas redes de relações com a UEG (atual UERJ) e o Instituto de Educação do Rio de Janeiro. Nesta seção veremos um pouco a respeito da maneira como este prestígio se converteu em um estilo de administração peculiar ao CEN, e que de certo modo veio a servir de marca no Campo Pedagógico Fluminense.

Outro dado muito importante sobre a trajetória desta educadora diz respeito à sua ligação com instituições educacionais estrangeiras (por exemplo, a École de

Sèvres), bem como com organismos multilaterais para a Educação (como o Banco Mundial). Estas ligações viriam a se aprofundar a partir de meados dos anos de 1970, atingindo seu ápice nos anos de 1980, porém, já nos anos de 1970 é possível perceber a vinculação de Myrthes Wenzel às supracitadas instituições. Há um documento desenvolvido pela *Association des Amis de Sèvres* (SÈVRES, 1995) no qual consta um depoimento da Diretora do CEN, referindo-se a sua estada no *Centre International D'Études Pédagogiques* do *Colège de Sèvres* nos anos de 1960, quando veio a participar das atividades de um evento referente à atualidade do pensamento de Celestin Freinet.

Além desta vinculação internacional, devemos lembrar de mais um elemento sobre a Diretora do CEN, qual seja a influência de algumas personalidades em sua formação intelectual, tais como: Darcy Ribeiro, Dom Helder Câmara e Henriette Amado, com quem viria, por sua vez a trabalhar no Colégio Brigadeiro Schorch e assim tomar contato com projetos pedagógicos desenvolvidos sob a égide da perspectiva pedagógica de Celestin Freinet (LOBO, 2002). Ainda a este respeito, cabe destacar o que Yolanda Lobo afirma a respeito da relação entre a trajetória profissional de Myrthes Wenzel e a criação do CEN:

Em seu trabalho na Campanha Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário do Ministério da Educação e Cultura – CADES -, D. Myrthes ministra cursos de Geografia para professores de todo o Brasil. A experiência do Brigadeiro Schörtch mereceu publicação da Editora do Brasil, livro de autoria de D. Myrthes em colaboração com Hilda Fernandes Mattos, que passou a ser utilizado pela CADES. Um dos principais colaboradores do Professor Anísio Teixeira no INEP, Professor Armando Hildebrand, convida D. Myrthes para criar uma escola de ensino médio diferente, em Niterói. Aceito o convite, D. Myrthes dedica-se a transformar uma pedreira em uma escola. Em 1960, planta o embrião da Fundação Centro Educacional de Niterói com alguns companheiros do Brigadeiro Schörtch (LOBO, 2002, pp. 8-9).

Vemos então que a ligação entre Myrthes Wenzel e Armando Hildebrand pode em parte ser explicada pelo bom desempenho dela à frente de uma das ações da CADES, além da visibilidade dada ao projeto de educação experimental nos moldes freinetianos desenvolvido anteriormente. É possível então compreender o “trânsito institucional” que D. Myrthes Wenzel possuía nos escalões superiores da Educação, pois era então muito bem relacionada às esferas do poder público, o que

seguramente era um elemento positivo do ponto de vista da facilidade em captar recursos e em fazer valer suas propostas, tal como podemos perceber, por exemplo, no momento em que o CEN estabelece um convênio com o MEC que previa, entre outras coisas, transferência de recursos financeiros do Ministério para a Escola.

No tocante à influência da Diretora do CEN no Campo Pedagógico Fluminense, alguns documentos institucionais coligidos chamam a atenção para as características de tal atuação. O primeiro destes, que serve de exemplo é o Ofício dirigido à Secretaria Municipal de Educação de Niterói em 02/07/1962 (catalogado sob o número 077, e seriado sob o Código CIE 2.1.003). Neste documento vemos um ofício dirigido à Secretaria Municipal de Educação (à época, Secretaria Municipal de Educação e Cultura) solicitando a reserva do Theatro Municipal de Niterói para que alunos do Coral do CEN pudessem se apresentar neste espaço. O segundo documento apresentado para explicitar as relações entre o CEN e a Secretaria Municipal de Educação de Niterói é o de número 103, catalogado na Série CIE 2.1.009. Neste, a Prof<sup>o</sup> Myrthes Wenzel solicita ao órgão em questão autorização para que alunos do CEN visitem as treze escolas que compõem a rede municipal de Niterói com vistas à realização de um trabalho escolar referente à geografia urbana do município.

Conforme podemos perceber, no primeiro e no segundo casos, a Direção do CEN gozaria de certo prestígio junto à administração pública municipal, pois consegue com facilidade reservar espaços públicos e, sendo uma escola privada, consegue autorização para visitar todas as escolas da rede municipal de Niterói, o que não era um fato comum à época. Entendemos que isto dá um pouco da dimensão do prestígio e da posição ocupada pelo CEN no que se refere à educação fluminense de sua época.

Outro elemento que merece destaque diz respeito à presença de Nícia Pereira Muniz como Vice-Diretora (e uma das fundadoras do CEN) ao longo do período estudado (anos de 1960-1970). Este personagem merece destaque por dois motivos: era uma das colaboradoras mais ativas do Colégio Nova Friburgo da Fundação Getúlio Vargas a partir do fim dos anos de 1960, instituição experimental de grande renome a esta época<sup>44</sup>. É sabido que Nícia Pereira Muniz, além de seu trabalho no CEN como Vice-Diretora, destacava-se também por suas produções na

---

<sup>44</sup> Para mais detalhes a respeito de Nícia Pereira Muniz e sua atuação no Colégio Nova Friburgo, consultar a minha Dissertação de Mestrado (SANTOS, 2005)>

área da Educação Matemática, tendo ministrado muitos cursos e publicado diversos artigos a respeito de tal tema (SANTOS, 2005 ). Com base nisto, é possível concluir que Myrthes Wenzel possuía relações diretas com outra experiência educacional de grande relevância desenvolvida na esfera privada a sua época, o que, juntamente com suas relações dentro do Instituto de Educação do Rio de Janeiro e seu trânsito com as lideranças da política educacional fluminense deste período tornava-a então uma figura de grande destaque no campo pedagógico fluminense, o que se verifica alguns anos mais tarde (e fora do recorte cronológico deste trabalho) quando vem a ocupar o cargo máximo da Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro e cria o Laboratório de Currículos (LOBO, 2002).

Conforme é possível perceber, de maneira análoga à de Armando Hildebrand, Myrthes Wenzel mobilizou toda uma gama de recursos em termos de capital político e social para fazer valer suas propostas. Igualmente é possível afirmar que sua rede de relações e de influência chegava até o nível internacional, passando pelas esferas nacional e local. A diferença, porém está na maneira como este personagem figurava no Campo Pedagógico Fluminense, pois a ênfase de sua atuação estava colocada na dimensão local, e tinha como lastro sua competência pedagógico-administrativa, enquanto que Hildebrand figurava como um personagem atuante em escala nacional, com uma imagem construída a partir das dimensões do administrador e do formulador de políticas. Adiante veremos como a atuação combinada destes dois personagens veio a impactar a história do CEN nos anos de 1960-1970.

### 5.3

#### **Armando Hildebrand e Myrthes Wenzel: delineando sua influência na posição ocupada pelo CEN no campo pedagógico fluminense**

É muito difícil que alguém possa atribuir a acasos fortuitos, eventos que tiveram anos de duração e cujos impactos se fizeram sentir por tantos outros anos. Neste sentido, uma escola como o CEN, cuja excelência pedagógica foi afirmada nos anos de 1960-1970 e que veio a se consolidar (pelo menos até os anos de 1980) como uma importante instituição escolar fluminense (cuja influência em certos casos se manifestou em escala nacional), teria poucas chances de ocorrer sem uma forte influência político-administrativa e pedagógica por parte das

lideranças por trás de seu projeto de escola. É precisamente isto que pretendemos marcar nesta seção do texto, ou seja, a maneira como Armando Hildebrand e Myrthes Wenzel imprimiram à escola uma identidade que veio a configurar suas relações com o campo pedagógico fluminense (e, em certos momentos, com o campo pedagógico nacional).

Conforme foi possível perceber anteriormente, três elementos marcavam a imagem institucional projetada pelo CEN em seus registros, bem como nas relações comunicativas com outras instituições e órgão do ensino durante os anos de 1960-1970 (pedagogia experimental utilizando Freinet como fio condutor, ensino de artes como elemento integrador das disciplinas e grande destaque a ações de cooperação e capacitação técnica). Estes elementos correspondem, em grande medida à imagem que Armando Hildebrand e Myrthes Wenzel possuíam à época, e, sem dúvida alguma, o CEN acabou absorvendo-os como elementos distintivos de sua própria identidade. Nesta seção analisaremos estas correspondências, bem como, de que maneira a atuação destas duas figuras veio a tornar concreta no nível institucional a imagem propalada nos discursos veiculados pelo CEN.

No que se refere à pedagogia experimental desenvolvida na escola, é possível dizer que este sempre foi um elemento de destaque ligado ao nome de Myrthes Wenzel, desde períodos anteriores ainda aos anos de 1960. Isto se torna claro quando recordamos sua atuação frente à CADES, em 1953, quando publica um material inovador vinculado à temática do Ensino de Geografia e direcionado ao Ensino Secundário. Outro dado que comprova esta assertiva diz respeito ao fato de que, em muitos dos depoimentos (tanto os levantados neste trabalho como alguns vistos em outros estudos sobre o CEN), a idéia de que Myrthes Wenzel era uma figura de destaque no que se refere a seu conhecimento pedagógico e sua competência técnica tornava-se patente.

Conforme foi possível perceber na no capítulo anterior deste trabalho, três eram os suportes argumentativos do discurso de excelência do CEN, bem como daimagem que esta instituição gozava entre as demais. Em uma cidade na qual as demais escolas orientavam-se pela sua vinculação às tradições (notadamente no que se refere às escolas confessionais), o destaque obtido pelo CEN, mesmo afirmando um valor diferente (o da inovação pedagógica e do experimentalismo educacional) não poderia se efetivar sem outros suportes, quais fossem: a vocação social da escola e a imagem de competência técnica de sua diretora.

Estes elementos, conjugados com a forte atuação do CEN no que se refere ao suporte dado a instituições públicas e redes de ensino municipais incipientes (sobretudo pela via dos convênios de cooperação técnica), permitem compreender de que maneira o CEN afirmava sua excelência em um campo pedagógico no qual as demais escolas (muitas vezes ligadas ao CEN por intermédio de cursos e outras atividades conjuntas) projetavam um outro tipo de imagem, cujos valores eram exatamente os opostos aos propalados pelo CEN.

Assim, é possível perceber que enquanto Armando Hildebrand representava (em nível nacional e internacional) o elemento de competência técnica de caráter político (e, de certo modo, gerencial) por trás do CEN, Dona Myrthes Wenzel representava (em nível local, principalmente) a imagem da educadora cuja competência técnica afirmava-se por seu conhecimento pedagógico e pelo respeito devido a ela pelos docentes e autoridades educacionais de sua época.

#### **5.4**

#### **O discurso institucional de excelência do CEN: questionando seus limites**

Sempre que algum tipo de imagem institucional é projetado, torna-se necessário para o pesquisador da história das idéias e instituições, confrontar este discurso com várias fontes acerca do mesmo tema. Com vistas a realizar esta tarefa, e assim, procurar perceber quais estratégias discursivas o CEN utiliza para marcar sua imagem e para reforçar sua identidade nos registros de sua memória institucional, realizo uma crítica destas fontes, e discursos, tentando colocá-las em confronto e assim apreender um pouco mais precisamente a realidade concreta em que o objeto de análise desta pesquisa se insere.

Indo um pouco para além do discurso institucional de excelência, cabe, no entanto, apontar alguns elementos que permitem uma percepção mais ampla acerca dos limites de tal excelência. O primeiro destes pontos diz respeito ao fato de que, como afirma o Prof José Luiz em seu depoimento, o modo como o CEN era administrado obedecia a uma perspectiva gerencial “romântica”. Isto vem a se confirmar quando esta informação é confrontada pelos documentos que foram

coligidos, nos quais em pelo menos dois anos (1964 e 1969)<sup>45</sup> os balanços financeiros da instituição apontam prejuízos no caixa. Uma pista a respeito de uma das razões pelas quais tais déficits aconteciam pode ser encontrada no relato de Yolanda Lobo (2005) a respeito da prof<sup>a</sup> Myrthes Wenzel, quando afirma que durante os anos da ditadura militar a diretora do CEN teria oferecido bolsas, muitas vezes integrais, para os alunos cujos pais passaram por dificuldades financeiras durante a ditadura militar. Um outro aspecto que merece ser investigado no que se refere às questões gerenciais do CEN está ligado ao fato de que tal administração pagava um salário muito alto a todos os seus professores, de modo que, pelo que foi possível perceber em vários documentos relativos a registros contábeis do CEN, sua folha de pagamento chegou a comprometer mais de 90% do orçamento da instituição no ano de 1969. Se somarmos a isto a iniciativa (bastante louvável, aliás) de Dona Myrthes no sentido de subsidiar vários alunos com bolsas integrais, entendemos a razão pela qual o Prof. José Luiz teria se referido à administração do CEN como sendo conduzida por um modelo “romântico”. Ao que tudo indica, as conseqüências (ao menos, em termos financeiros/gerenciais) deste tipo de perspectiva de administração teriam se refletido nos balanços contábeis deficitários da instituição (ao menos nos anos supracitados).

No tocante à perspectiva pedagógica freinetiana implementada por Myrthes Wenzel no CEN, é correto afirmar que vários fundamentos estavam presentes na escola, tais como: uso de jornais escolares, espaços abertos à circulação de estudantes e avaliações pautadas em outros elementos além da nota final (sem contar a ênfase dada às artes enquanto elemento curricular integrador). Claro está, porém, que em um período de forte repressão das consciências e manifestações individuais e coletivas (sobretudo as coletivas) como foi o período da ditadura militar pós-1964, entendemos que esta perspectiva pedagógica libertária teria encontrado neste contexto histórico-político enormes dificuldades para se efetivar, razão pela qual a prof<sup>a</sup> Myrthes Wenzel teria dito em depoimento gravado em vídeo (FAPERJ, 2000) que no CEN a proposta pedagógica direcionada ao aluno referia-se a uma “liberdade com responsabilidade”. Talvez, mesmo a contragosto, a diretora do CEN, notadamente no ano de 1960-1970 tenha sido forçada a “temperar” a liberdade haurida na perspectiva pedagógica de Freinet com doses

---

<sup>45</sup> A esse respeito, consultar o Plano Estrutural do Acervo do CEN, especialmente os documentos das séries CII 3.8.026 e CII 3.8.203

fortes de responsabilidade, tal como é possível perceber no depoimento de Denise Rocha (ver depoimento em anexo) no qual a ex-aluna alude à Dona Myrthes como uma pessoa de grande competência, porém muito firme e enérgica em suas decisões. Neste sentido, sem invalidar ou menosprezar as realizações do CEN no que se refere à perspectiva inovadora de seu ensino, é possível lançar um questionamento acerca da quantidade de liberdade e da quantidade de responsabilidade havida nesta escola.

Em relação à vocação social da escola, vários registros documentais e depoimentos de atores ligados ao CEN afirmam que a instituição promovia cursos abertos à comunidade e que muitos destes eram gratuitos. Se lembrarmos, porém, do fato de que o CEN, apesar de ser uma instituição de direito privado, recebeu vultosas verbas públicas do governo federal ao longo dos anos de 1960 e 1970, podemos perceber que esta “vocação social” encontra alguns limites, pois ao contrário do que possa parecer, o CEN ou mesmo a FUBRAE estava desenvolvendo muitas destas atividades (com recursos da CADES e com recursos do Convênio CEN-MEC) em cumprimento a termos de convênios de cooperação financeira, quais sejam: oferecer bolsas de estudos (tal como exigia a CADES) e promover cursos de capacitação e treinamento de docentes (tal como rezava o convênio CEN-MEC celebrado entre 1960 e 1970). Deste modo, a vocação social da instituição não se deve (ao menos não integralmente) a uma visão filantrópica da educação e da necessidade de expandi-la até os setores populares, mas também à necessidade do cumprimento de exigências contratuais com fontes importantes de financiamento público para a FUBRAE e para o CEN.

Conforme dito no item anterior, longe está a idéia de menosprezar os empreendimentos e realizações desenvolvidas pelo CEN nos dez primeiros anos de sua existência, na verdade, a finalidade ao discutir estes pontos é buscar compreender a história da instituição para além da versão historiográfica do discurso oficial desta instituição. No próximo capítulo, serão então consolidados e discutidos os últimos resultados da pesquisa que culminou na presente Tese de Doutorado.